Como é duro ser pai

Na madrugada, minha mulher — como se sabe, a melhor esposa de todas — sentou-se na cama, o olhar fixo no vazio, pegou-me pelo ombro e disse:

— Está começando. Chame um táxi.

Calmos, sem pressa, passamos a nos vestir. De vez em quando, eu murmurava palavras tranqüilizantes para ela se acalmar — o que, aliás, não era necessário. Ambos somos altamente evoluídos e inteligentes. Ambos temos consciência de que o nascimento de uma criança é um processo biológico normal, que vem se repetindo bilhões de vezes desde os tempos primitivos e, por isso, não tem cabimento achar que seja algo extraordinário.

Enquanto nos preparávamos tranqüilamente para sair, lembrei-me das velhas piadas, brincadeiras e *cartoons* que fazem troça do "futuro pai" da maneira mais vulgar. Gostam de representá-lo fumando um cigarro atrás do outro na sala de espera da maternidade, meio louco, um trapo

humano. Pois bem. Deixemos esse prazer aos engraçadinhos. Na vida real é diferente.

— Não quer levar umas revistas, querida? — perguntei. — Para não ficar aborrecida?

Colocamos as revistas por último na maleta, onde já se encontrava um pouco de chocolate e, claro, o tricô.

O táxi parou à porta. A viagem até a clínica foi agradável. O porteiro-recepcionista anotou os dados de minha mulher e levou-a ao elevador. Quando eu quis segui-la, ele me fechou a porta na cara.

— Fique aqui. Lá em cima o senhor só vai atrapalhar.

Francamente, ele podia ter sido mais delicado...

Apesar disso, admito que ele não estava inteiramente sem razão. Quando se chega a esse ponto, o pai, evidentemente, não pode mais ser útil. Nesse sentido, minha mulher também se manifestou:

— Não se preocupe, vá para casa e faça seu trabalho como sempre. Se tiver vontade, vá ao cinema à tarde. Por que não?

Apertamos as mãos e me afastei com passos leves. Haverá leitores que me julguem frio e insensível; esta, porém, é minha índole: sóbrio, calmo, razoável — enfim: um homem.

No saguão da clínica, olhei, mais uma vez, à minha volta. Perto da recepção estavam uns sujeitos pálidos, fumando, mordendo os lábios, suados. Ridículos, esses "futuros pais". Como se a presença deles tivesse qualquer influência sobre o curso dos acontecimentos! De vez em quando, um vulto trêmulo vinha correndo de fora até à recepção e indagava, sem fôlego:

— Já chegou?

O porteiro consultava os registros de nomes com olhar sonolento, palitava os dentes, bocejava e falava, indiferente:

— Menina.

— Peso?

— Dois quilos e novecentos e cinqüenta.

Aí, o mais recente dos pais sentou-se no meu colo e sussurrou no meu ouvido, com voz rouca de louco, sem parar: "dois e novecentos e cinqüenta, dois e novecentos e cinqüenta", um verdadeiro pateta. Quem quer saber o peso vivo da pirralha? Por mim, ela podia pesar até dez quilos. Engraçado um homem adulto quando perde o domínio sobre si mesmo! Engraçado, não. Dá pena.

Resolvi voltar a casa e ao trabalho. Além do mais, tinham-se acabado meus cigarros. Então, pensei que não seria má idéia trocar umas palavrinhas com o médico. Quem sabe, ele podia precisar de algo. Um esclarecimento, uma dica. Evidentemente, era apenas uma formalidade. Mas as formalidades, também, têm sua hora e vez.

Atravessei o saguão e tentei passar pela entrada da maternidade. O porteiro me barrou. Mesmo quando eu lhe disse que o meu caso era especial, não se mostrou nem um pouco impressionado. Por feliz coincidência, o médico vinha descendo a escada naquele instante. Apresentei-me e perguntei se poderia ser útil de alguma maneira.

— Volte às cinco da tarde — foi a resposta. — Até lá, o senhor só vai perder seu tempo aqui.

Após esta breve, mas esclarecedora, troca de idéias, fui, sossegado, para casa. Sentei-me à escrivaninha, mas logo percebi que o trabalho não ia render nada. Isso nunca tinha me acontecido antes. Comecei a pesquisar, com intensidade, qual seria a causa do fenômeno. Falta de sono? O tempo? Ou a inusitada ausência de minha mu-

lher? Esta possibilidade não podia ser totalmente excluída. Também não caberia, desta vez, o frio distanciamento com o qual costumo contemplar os acontecimentos da vida. O acontecimento que eu estava por enfrentar não ocorre, afinal, todos os dias, mesmo admitindo que o bebê seja, provavelmente, igual a todos os demais, sadio, vivaz, mas nada especial. Ele vai terminar os estudos com bons resultados e depois seguirá a carreira diplomática. Isto já é razão suficiente para lhe dar um nome judeu facilmente pronunciável por não-judeus. Por exemplo, Rafael, lembrando o grande pintor holandês. E quem sabe o garoto ainda acabe sendo ministro das Relações Exteriores! Aí, ele não pode correr o risco de não saberem pronunciar seu nome nas Nações Unidas. Temos que ter sempre em mente os interesses superiores da Nação. Aliás, ele não deve se casar muito cedo. Terá que praticar esportes e participar dos Jogos Olímpicos. Mas não me importo se ganhar suas medalhas na corrida de obstáculos ou no arremesso do disco. Nesse sentido, não sou exigente. Claro que terá que dominar todos os idiomas. E possuir conhecimentos de aerodinâmica. Mas, se o rapaz tiver atração por física nuclear, que estude física nuclear.

E se for menina?

Ah! É verdade, agora eu posso chamar a clínica. Sereno, com mão firme, levantei o fone e disquei.

— Nada de novo — disse o porteiro. — Quem fala?

Uma esquisita nuance de tom em sua voz, um tanto rouca, me alertou. Tive a impressão de que ele estava escondendo alguma coisa. Mas a ligação já tinha sido cortada.

Bastante nervoso, folheei o jornal. "Nasce uma cabra de duas cabeças, no Peru."

Esses idiotas inventam cada uma, só para vender mais! O melhor seria exterminar todos os jornalistas.

Mas nesse momento tenho coisas mais urgentes com que me preocupar. Por exemplo: tenho que entrar em contato com o médico. Às pressas, peguei um táxi, fui até à clínica e, por sorte, consegui juntar-me a um grande grupo de pessoas que chegavam para participar de uma cerimônia de circuncisão.

— O senhor, novamente? — berrou o médico quando, finalmente, consegui encontrá-lo. — O que é que o senhor faz aqui?

— Passei por acaso... pensei que... talvez possa me dizer se há novidades. Será que há?

— Já lhe disse que o senhor só deve vir às cinco horas! Ou, melhor ainda, não venha mais. Avisaremos por telefone.

— Como quiser, Doutor. Eu só pensava...

Ele tinha razão. As eternas idas e vindas não resolviam nada e eram indignas de uma pessoa normal. Não queria me colocar no mesmo nível dessas figuras lamentáveis que ainda continuavam no banco da portaria, homens pálidos e trêmulos.

Por pura curiosidade, sentei-me no meio deles, a fim de analisar seu comportamento do ponto de vista psicológico.

Meu vizinho me contou, espontaneamente, que estava aguardando o nascimento de seu terceiro filho. Já tem dois, um menino (3,150 kg) e uma menina (2,700 kg). Outros ocupantes do banco passaram fotografias de mão em mão. Um pouco embaraçado e, talvez, também com o intuito de pregar uma peça àqueles fracos, totalmente sem compostura, tirei do bolso uma radiografia de minha mulher no oitavo mês.

— Que gracinha — disseram alguns.

— Realmente, bonitinho.

Enquanto comprava um novo maço de cigarros, invadiu-me a vaga sensação de ter esquecido algo importante. Perguntei ao porteiro se havia algo de novo. Aquele grosseiro malcriado nem se dignou a formular uma resposta articulada. Apenas sacudiu a cabeça. Nem a sacudiu propriamente, apenas a virou para outro lado.

Duas horas depois, fui até à floricultura do outro lado da rua. De lá, telefonei ao médico e fui informado, por uma voz feminina, de que devia tornar a chamar amanhã de manhã. A voz era, como consegui verificar, da telefonista. É assim que são tratados, neste país, os respeitáveis cidadãos que cometeram o crime de providenciar o aumento da próxima geração. Só restava o cinema. O filme era sobre um jovem que odiava seu pai. O que é que eu tenho com este lixo hollywoodiano? Além disso, nós teremos uma menina. No meu subconsciente já tinha me adaptado, há muito, a esta idéia. Poderia até dizer que já o sabia. Eu não teria objeções se ela se formasse arqueóloga, apenas não queria que se casasse com piloto de avião. Nada disso. De jeito nenhum vou querer um piloto como genro. Meu Deus do Céu — mais cedo ou mais tarde serei avô. Como o tempo corre. Mas por que está tão escuro? Onde estou? É verdade, no cinema. Que bobagem a minha.

Saí, apalpando as paredes. O ar fresco me fez bem. Não muito, só um pouco. E agora?

Talvez fosse bom perguntar na clínica.

Adquiri dois grandes buquês de flores baratas, já que a entrada para entregadores de flores é livre em qualquer clínica. Lancei, de passagem, um "Quarto 24", murmurando na direção do porteiro, e consegui penetrar na maternidade, protegido pela escuridão.

Em torno da boca do médico apareceram leves sinais de espuma.

— O que é que o senhor pretende com essas flores? Ponha-as na geladeira, moço! E, se não sumir já, mandarei pô-lo na rua.

Procurei esclarecer que as flores só eram um truque para facilitar minha entrada na clínica.

Claro, acrescentei, eu sabia que ainda não havia novidades, mas eu pensava que talvez já houvesse.

O médico disse algo evidentemente pouco lisonjeiro, em russo, e me deixou.

Já na rua lembrei-me, de repente, de algo que tinha esquecido: há vinte e quatro horas que não me alimentava. Rápido para casa, para fazer um pequeno lanche. Mas, por alguma razão, não conseguia engulir a comida. Precisei empurrá-la com alguns poucos copos de conhaque. Em seguida, vesti o pijama e fui para a cama.

Se ao menos soubesse por que o nascimento dessa criança estava tão atrasado...

E se o soubesse? Já sei. Serão gêmeos. É quase certo. Gêmeos. Tudo bem. Nesse caso a gente consegue tudo que eles precisam a preço de atacado. Tratarei de lhes dar uma educação prática. Devem encaminhar-se para o ramo têxtil para não passar necessidades. Se ao menos esse horrível zumbido na minha nuca acabasse. E o quarto parasse de girar. Afinal de contas, um quarto escuro que gira é muito desagradável. O porteiro alega não saber de nada ainda. Que morra de morte terrível, esse arquivilão. Logo que minha filhinha tiver nascido, vou acertar contas com ele. Ele vai ver.

Inexplicável, meus cigarros acabaram outra vez. Onde é que a gente arranja cigarros a esta hora da noite? Talvez só na clínica.

Voei para o ponto do ônibus, mas um vizinho de apartamento me alcançou, para me avisar que eu estava sem calças.

— Que criancice da minha parte! — eu ri. Voltei voando para casa para vestir as calças, sem

conseguir, no entanto, parar de rir. Só ao chegar perto da clínica é que me lembrei de Deus. Em geral, eu não costumo rezar. Mas agora, as palavras surgiram naturalmente.

— Meu Deus, ajude-me só desta vez, faça com que a menina seja um menino, se possível normal, não por minha causa, mas pela Nação, pois precisamos de pioneiros jovens e sadios...

Pessoas passavam por mim e me advertiam de que estava me arriscando a apanhar um resfriado ao ficar tanto tempo de joelhos na calçada molhada, no frio da noite.

O porteiro, ao me ver, já de longe fez aquele gesto arrogante, virando a cabeça.

Com enorme impulso me joguei contra a porta de grades, que se abriu com estrondo. Rolei na direção da porta de vidro, levantei-me e ouvi o monstro às minhas costas berrando... continue berrando, praga do século... quem tentar me segurar agora estará cavando sua própria cova...

— Doutor! Doutor! — minha voz ressoava, horripilante, na noite, pelos corredores vazios e escuros. Nesse instante, apareceu o médico, correndo a toda.

— Se o senhor me aparecer só mais uma vez, eu chamo os bombeiros! Não tem vergonha na cara?! Parece um histérico, tome um calmante!

Histérico, eu? O sujeito devia agradecer à sua boa estrela eu ter perdido o canivete logo após o *Bar-Mitsva,*[1] senão teria aberto sua garganta naquele instante. E um cara desses acha que é médico. Máfia de branco! Um assassino disfarçado. Mandarei uma carta ao governo e essa eles vão guardar emoldurada. E deste banco, junto à portaria, não arredo pé nem um palmo, antes que me entreguem meu filho. Será que alguém aí tem um cigarro? Não consigo mais comprar do porteiro, ele fica nervoso só de me ver. Não que me importe. Claro que estou agitado. Quem não estaria, no meu lugar? Afinal, hoje é o dia de nascimento do meu filho. Mesmo que o saguão girasse mais ainda e o zumbido na nuca não parasse mais...

Quase meia-noite e nada... Feliz da minha mulher, poupada desta agitação. Oh, meu Deus, talvez agora eles tenham descoberto que nem grávida ela estava e que só se tratava de barriga inchada de tanto comer pipoca. Esses trapaceiros. Não, Rafael não será diplomata. A menina será professora de jardim de infância. Ou mando os dois para um *kibutz.* Meu filho pagará por meus pecados. Já estou prevendo. Eu mesmo iria para um *kibutz* para evitar isto, mas não tenho mais cigarros. Por favor, senhores, um cigarrinho, um último cigarrinho. Tudo acabou. Algo horrível aconteceu. Eu o sinto. Meu instinto nunca me enganou. O fim chegou...

Arrastei-me até a portaria. Não consegui proferir uma só palavra. Olhei para meu inimigo com olhos arregalados, implorando.

— Sim — falou ele. — Um menino.

— O quê? — balbuciei. — Onde?

— Um menino — disse ele. — Três quilos e meio.

— Como assim? — respondi. — Para quê?

— Escute — falou. — O senhor se chama Efraim Kishon?

— Um momento — respondi. — Não tenho certeza.

[1] *Bar-Mitsva* literalmente quer dizer um "homem do dever". Conforme a tradição judaica, ao completar o 13.º aniversário, o menino judeu passa a ser responsável por seus próprios atos e por todos os deveres religiosos de um homem. No primeiro sábado após o 13.º aniversário, há uma cerimônia na sinagoga em que o menino é chamado ao altar para ler a *Torá* e a lição dos Profetas, denominada *Haftará.*

Tirei minha carteira de identidade e verifiquei. De fato: tudo indicava que eu me chamava Efraim Kishon.

— Como é? — falei. — O que posso fazer pela senhora, Madame?

— O senhor tem um menino! — berrou o porteiro. — Três quilos e meio! Um menino! O senhor entendeu? Um filho de três quilos e meio...

Abracei-o e tentei beijar aquele rosto de etérea beleza. Lutamos um pouco e, no fim, empatamos. Finalmente, um gemido sibilante saiu-me do peito. Precipitei-me para a rua.

Evidentemente, não havia ninguém. Justamente na hora que a gente mais precisa, não há ninguém.

Quem diria que um homem da minha idade ainda pode dar cambalhotas? Um guarda apareceu e ordenou que eu parasse com a perturbação noturna da ordem. Num instante, abracei o guarda, beijando-o nas duas faces.

— Três quilos e meio — gritei no seu ouvido. — Três quilos e meio!

— *Mazaltov!* — exclamou o guarda. — Parabéns!

E mostrou-me o retrato de sua filhinha.

É a cara do pai

Toda *première* é nervosa e agitada. Porém, a primeira apresentação de um recém-nascido à família, ou seja, sua quase estréia, ultrapassa tudo.

Já que a melhor das esposas insistiu em dar à luz nosso filho Rafi no meio da noite, minha vez de proceder à inspeção paternal só veio no dia seguinte. O médico pediu-me para vir, sem falta, sozinho — um desejo muito razoável, que acatei com boa vontade. Levei comigo tão-somente minha mãe, pela simples razão de ser ela minha mãe, e, além disso, para evitar brigas em família, os avôs maternos de Rafi. Dadas as circunstâncias, tinham ainda que ser levados em consideração tia Ilka e seu marido Jacob. Mas, além deles, apenas o casal Ziegler, que tinha preparado um presentinho muito encantador para o novo cidadão: um par de sapatinhos brancos de tricô e um gorro da mesma cor e uma encantadora calcinha azul celeste.

Aliás, tia Ilka e tio Jacob vieram também com um presente idêntico, da mesma forma que minha